

# ASPECTOS SEMÂNTICOS DE COMPOSTOS S+S NEOLÓGICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

*Semantic aspects of N+N neological compounds in  
Brazilian contemporary Portuguese*

João Henrique Lara Ganança<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar alguns aspectos semânticos de dezesseis compostos nominais S+S neológicos no português brasileiro contemporâneo. As unidades lexicais neológicas foram extraídas, de modo semiautomático, com o auxílio do software “Extrator de Neologismos” (Projeto TermNeo/NILC) e seguindo critério lexicográfico, de textos diversos publicados, entre 2014 e 2017, em blogues jornalísticos mantidos pelo Portal UOL, pelo jornal Folha de S. Paulo e pelas revistas Veja e IstoÉ. Para a análise semântica, foram utilizados os conceitos de domínio cognitivo (LANGACKER, 2008) e mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2003) a fim de explicar a construção do significado das composições neológicas S+S, que se dá por meio de mesclagens seletivas entre os elementos dos domínios cognitivos que formam a lexia composta. Por exemplo, nas construções *X-fantasma*, o segundo elemento, metaforizado, mescla-se semanticamente ao primeiro, produzindo criações lexicais compostas que atualizam significados relacionados a “virtualidade”, em contextos de corrupção. Com este trabalho, espera-se contribuir para um melhor

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras, na Área de Filologia e Língua Portuguesa (FFLCH-USP). Professor de Língua Portuguesa. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (Seduc-SP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1398-9378>. E- mail: [jgananca@alumni.usp.br](mailto:jgananca@alumni.usp.br)

entendimento da construção semântica dos compostos S+S, evidenciando um rico campo para futuros estudos.

**Palavras-chave:** Lexicologia. Morfologia. Semântica Cognitiva. Criação Lexical. Composição.

**Abstract:** *This article aims to analyze some semantic aspects of nominal sixteen N+N neological compounds in contemporary Brazilian Portuguese. The neological lexical units were extracted, in a semi-automatic way, by the software “Extrator de Neologismos” (TermNeo / NILC Project) and following lexicographic criteria, from various texts published, between 2014 and 2017, in journalistic blogs maintained by Portal UOL, by Folha de S. Paulo and by Veja and IstoÉ magazines. Semantically, the concepts of cognitive domain (LANGACKER, 2008) and conceptual blending (FAUCONNIER; TURNER, 2003) were used to explain the construction of the meaning of neological compositions, which occurs through selective blends between the elements of the cognitive domains that make up the compound lexical unit. For example, in X-fantasma constructions, the second element, metaphorized, semantically merges with the first, producing compounds that update meanings related to “virtuality” in contexts of corruption. With this work, we hope to contribute to a better understanding of the semantic construction of N+N compounds, showing a rich field for future studies.*

**Keywords:** Lexicology. Morphology. Cognitive Semantics. Lexical Creation. Composition.

## Introdução

As obras gramaticais e linguísticas, de modo geral, apresentam a composição, ao lado da derivação, como um dos principais processos de que dispõe a língua portuguesa para a criação e renovação de seu léxico.

Rocha Lima (2010, p. 279) afirma que duas são as características da composição que a diferenciam dos demais processos de criação lexical: (I) a existência de mais de um radical e (II) a unidade de significação. Dito de outro modo, um composto é a união de, pelo menos, dois radicais para criar uma nova unidade no léxico da língua. A mesma ideia encontramos em Cunha e Cintra (2008, p. 119). Quanto aos tipos de elementos radicais formadores de compostos, as obras de referência, em geral, afirmam que podem ser eles de mesma classe gramatical (S+S; Adj+Adj; V+V), de classes diferentes (S+Adj; Adv+Adj etc.) ou, ainda, ligados por preposição, como em *pé-de-moleque* (S+Prep+S). Declaram ainda as gramáticas que os compostos podem ser justapostos (quando é possível identificar os radicais formadores: *girassol*) ou aglutinados (quando ao menos um dos radicais aparece truncado: *plan[o]alto*).

Bechara, diferentemente de outros gramáticos, afirma que “por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova

de significado único e constante” (BECHARA, 1999, p. 351). Nessa definição, é possível perceber duas diferenças dessa gramática em relação a obras gramaticais anteriores.

Primeiramente, o gramático compreende o composto como unidade léxica necessariamente binária, delimitando a dois os elementos empregados no processo da composição.

Em segundo lugar, o autor não menciona radicais, como outros gramáticos, mas elementos identificáveis pelo falante. Isso equivaleria a dizer que uma unidade lexical como *fidalgo*, tradicional exemplo gramatical de composição por aglutinação, não seria, a rigor, um composto, uma vez que o falante não identificaria, nele, sincronicamente, dois elementos formadores.

No que diz respeito à quantidade de elementos formadores dos compostos, Alves (2016) diverge de Bechara. A autora apresenta-nos diversos exemplos de criações neológicas compostas coordenativas (SANDMANN, 1989) com mais de dois elementos formadores: *atriz-cantora-estilista*, *apresentadora-atriz-cantora-escritora*, *café-padaria-sorveteria*, *bar-discoteca-restaurant*, entre outras. Por essa razão, Alves não restringe a composição a uma estrutura necessariamente binária, tal qual Bechara o faz, uma vez que os dados neológicos identificados por ela atestam, inequivocamente, o oposto. No presente trabalho, apesar de havermos elencado para exemplificação da análise apenas compostos binários S+S, mantemos a posição de Alves (2016) quanto à possibilidade de ocorrerem compostos coordenativos não-binários.

Neste estudo, serão analisados dezesseis neologismos compostos, sendo treze determinativos e três coordenativos, escolhidos como elementos exemplares das reflexões analíticas que serão empreendidas a seguir. As unidades lexicais neológicas presentemente sob análise compõem recorte de material mais extenso, desenvolvido como tese de doutorado (GANANÇA, 2021). Na tese, constituímos um *corpus* textual extenso, mas não exaustivo, formado por textos de oitenta e nove blogues jornalísticos publicados no ano de 2014, na blogosfera do Portal UOL, do jornal Folha de S. Paulo e da revista Veja. Além desse *corpus*, utilizamos também os textos dos seguintes blogues da revista IstoÉ, publicados entre 2015 e 2017: Blog do Boechat, Bolívar Lamounier, Brasil Confidencial, Leonardo Attuch, Marco Antonio

Villa, Mentor Neto, Murillo de Aragão, Ricardo Amorim, Rodrigo Constantino e Sergio Pardellas.

As unidades lexicais neológicas compostas foram extraídas dos *corpora* de modo semiautomático. Para isso, submetemos os textos dos blogues ao software Extrator de Neologismos, fruto da parceria do Projeto TermNeo (FFLCH-USP) com o Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional, da USP-São Carlos. O Extrator compara os materiais textuais a ele submetidos a *corpora* informatizados, devolvendo ao pesquisador uma lista com unidades lexicais que não constam nesses textos e listas de palavras. Essas unidades léxicas, fornecidas pelo programa computacional como candidatos a neologismos, submeteram-se, então, a um segundo filtro, agora lexicográfico, composto pelas obras: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2010) e *Moderno dicionário da língua portuguesa* (MICHAELIS, versão online). Foram consideradas neológicas as unidades que não constavam em nenhuma das três obras de referência.

## **Aspectos semânticos de compostos nominais neológicos S+S**

Os estudos desenvolvidos pela chamada Linguística Cognitiva vêm contribuindo sobremaneira para a compreensão de fatos semânticos das línguas naturais. Para a análise do significado de alguns dos compostos S+S neológicos recolhidos de nosso *corpus*, recorreremos, em especial, a dois conceitos desenvolvidos no âmbito da Linguística Cognitiva: domínios cognitivos (LANGACKER, 2008) e mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2003).

Para a Linguística Cognitiva, em resumo, o significado de uma palavra não é dicionarístico, mas enciclopédico. Isso quer dizer que acessar os sentidos que uma unidade lexical pode atualizar significa investigar todo o seu conteúdo conceptual e as relações que esse conteúdo estabelece, tanto com as situações de uso mais centrais dessa palavra, quanto com as mais específicas, incluindo, aí, também, empregos bastante particulares e afetivos. Na prática, isso equivale a romper os limites categoriais entre fatos semânticos e fatos pragmáticos. Conhecer o significado da palavra *mochila*, por exemplo, é acessar noções mais centrais como formato característico, material de que é feita, quem normalmente a utiliza, até mais periféricas como “escola”, “papeleria”, “objetos pessoais”, “viagens”, “mochileiros” etc. A todo

esse conteúdo conceptual enciclopédico interconectado entre si Langacker chama domínios cognitivos.

Acreditamos que estruturar o significado de uma palavra em termos dos domínios cognitivos por ela evocados, tal como o faz a Linguística Cognitiva, mostra-se útil à investigação semântica de composições, pois cada membro constituinte do composto evoca domínios, muitas vezes, bastante diferentes entre si. Compreender a relação entre eles é, portanto, essencial. No entanto, para realizar esse empreendimento, lançamos mão do conceito de mesclagem conceptual (ou *blending*), desenvolvido por Fauconnier e Turner (2003).

Nesse modelo teórico, os domínios cognitivos langackerianos, reduzidos à dimensão de espaços mentais (FAUCONNIER, 2007), são postos em relação, de modo a evidenciar como os elementos provenientes de cada um deles podem projetar-se uns sobre os outros em estruturas semânticas cognitivas criativamente trabalhadas. Basicamente, na operação mental a que Fauconnier e Turner denominam *blending*, dois espaços *input*, conectados por um espaço mental chamado genérico, projetam, seletivamente, um sobre o outro, elementos que lhe são próprios. Além disso, esses mesmos elementos também são projetados para o espaço-mescla, onde ocorre, efetivamente, a elaboração criativa do significado.

Esquemáticamente, podemos assim representar o modelo:

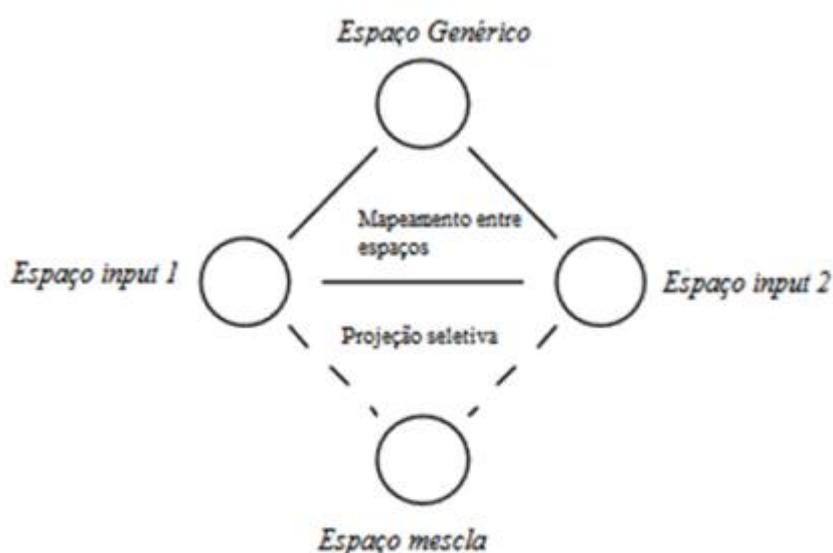


Imagem 1: modelo esquemático de mesclagem conceptual

Fonte: imagem autoral adaptada de Fauconnier e Turner (2003)

Importa reiterar que, na concepção teórica de mesclagem conceptual desenvolvida por Fauconnier e Turner, nem todos os elementos evocados por um *input* encontram sua contraparte no outro *input* e nem todas essas noções semânticas podem ser projetadas para o espaço-mescla, mas tão somente aquelas que forem funcionais para a construção do significado lexical. Isso, em nosso entender, é vital para compreendermos o significado das composições neológicas S+S, as quais, tanto formal quanto semanticamente, agregam elementos diferentes para criar um todo semântico coerente e acessível ao falante.

Entre os compostos coordenativos, do ponto de vista semântico, podemos distinguir (a) aqueles que são formados por elementos do mesmo domínio cognitivo imediato; (b) aqueles que são formados por elementos de domínios cognitivos diferentes; (c) aqueles que Rio-Torto e Ribeiro (2009, p.281) classificam como copulativos. Nesse ponto, é necessário esclarecer que Sandmann (1989) toma como sinônimos os termos “compostos coordenativos” e “compostos copulativos”. Já Rio-Torto e Ribeiro (2009) entendem os compostos copulativos como uma subclasse entre os coordenativos. Esse tipo de lexia composta, esclarecem as autoras, normalmente acompanha um substantivo, desempenhando função adjetival a ele, como em “*míssil <terra-ar>*”, por exemplo.

Do tipo (a), analisaremos o neologismo *baixista-cantor*. Do tipo (b), *deputado-pastor*. Já do tipo (c), *trajeto <Chile-Brasil>*.

Em compostos coordenativos de mesmo domínio cognitivo, os elementos projetados dos *inputs* associam-se mutuamente, não havendo, portanto, propriamente falando, mescla semântica, nem tampouco relevância de um sobre o outro. O referente designado por *baixista-cantor* é, sua vida profissional, tanto o primeiro (*baixista*) quanto o segundo elemento (*cantor*), sem concorrência entre eles. Não se percebe, finalmente, qualquer relação metafórica na estrutura emergente.

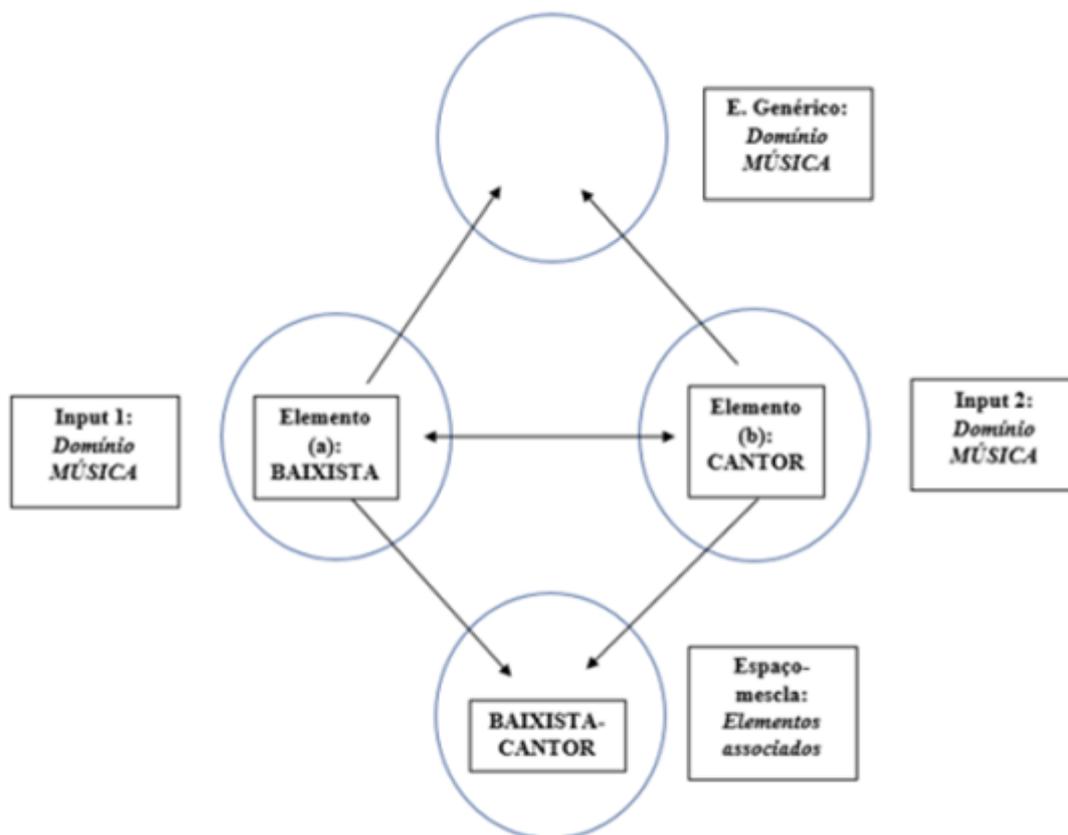


Imagem 2: esquema de integração conceitual do neologismo *baixista-cantor*.

Fonte: imagem autoral

Já nos compostos em que cada elemento é projetado no espaço-mescla a partir de um domínio distinto, o ser designado pelo composto desempenha, também, simultaneamente, funções diversas, mas agora, cada qual, em um espaço mental igualmente diverso. Nesse modelo, os *inputs* 1 e 2 evocam, respectivamente, dois domínios imediatos diferentes, os quais chamaremos A e B. O espaço genérico, por sua vez, representa o domínio mais geral que conecta os dois *inputs*. Não há relevância semântica de um elemento sobre o outro, uma vez que os dois se associam, não se mesclam, mantendo, portanto, cada qual seu significado mais prototípico, sem qualquer conotação metafórica.

*Deputado-pastor*, no contexto, refere-se à conhecida personagem da política recente do Brasil, Marcos Feliciano, pastor evangélico que se elegeu para um cargo de deputado federal em nosso país<sup>2</sup>. Esquemáticamente, temos:

<sup>2</sup> Para melhor compreensão da análise aqui realizada, reproduzimos em nota o contexto de uso da unidade lexical neológica *deputado-pastor*: “Além desses e outros disparates, o texto do <deputado-pastor> Marco Feliciano contém erros gramaticais em excesso. Uma simples consulta à Wikipedia ou

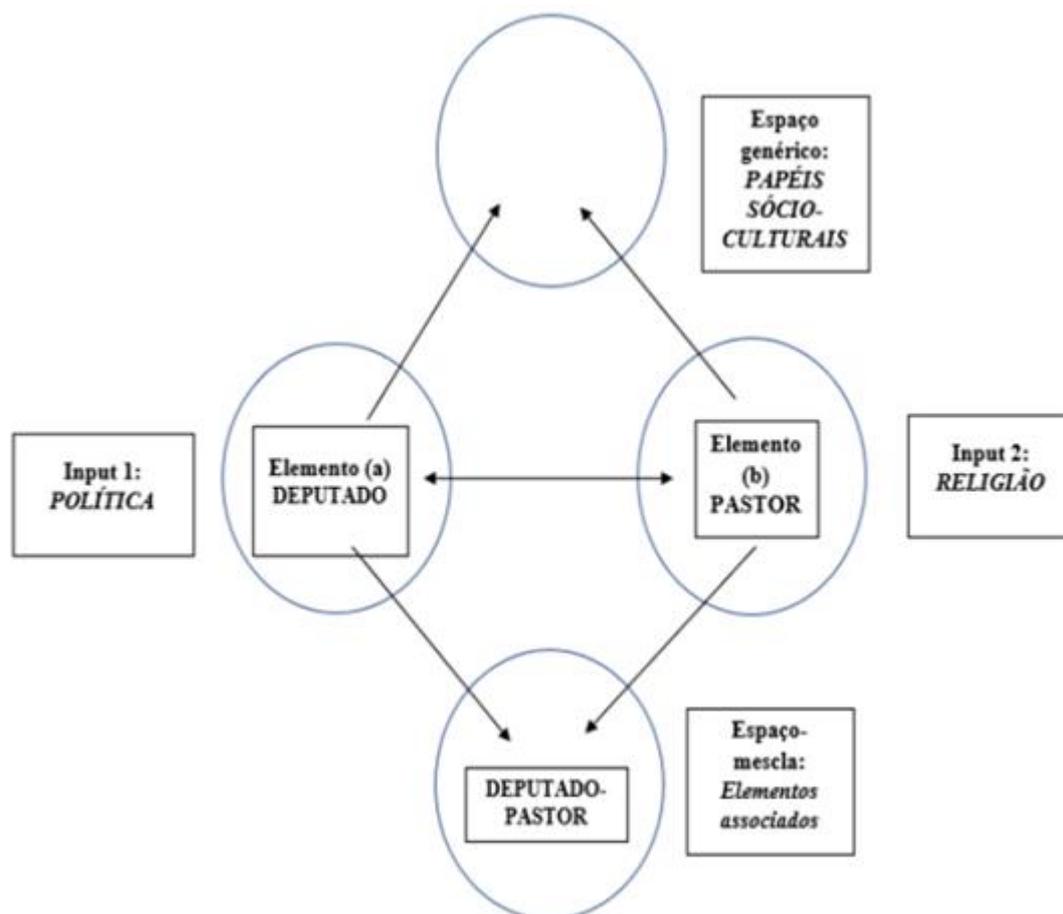


Imagem 3: esquema de integração conceitual do neologismo *deputado-pastor*.

Fonte: imagem autoral

Apesar de serem compostos substantivos de aparente natureza coordenativa, os neologismos do grupo (b) chamam-nos a atenção para um detalhe semântico interessante. Se retornarmos ao contexto de *deputado-pastor*, perceberemos que, apesar de não haver, propriamente falando, mesclagem semântica, uma vez que os dois elementos não apresentam relação de dependência entre si, o segundo, contudo, afigura-se como algo que se quer destacar no referente designado pelo neologismo. Apesar de não ser impossível nem necessariamente errado um deputado exercer, no âmbito de uma comunidade religiosa, a função de pastor, a conhecida insistência de Marcos Feliciano em atuar como religioso no domínio da política (que deveria ser laica) parece ter sido a motivação que levou o autor da unidade léxica neológica em

---

peço pelo Google e a ajuda de um simples corretor gramatical teriam resolvido esses problemas.” (Maurício Tuffani, 15/11/2014).

análise a cunhá-la, materializando seu estranhamento ou sua reprovação às atitudes do referente. Nenhuma escolha lexical, em suma, é neutra e todas elas revelam, a quem lhes interroga, intenções de quem as empregou.

Nos compostos denominados copulativos, na terminologia de Rio-Torto e Ribeiro (2009), evidencia-se, fortemente, a redução de uma frase de base (GUILBERT, 1975), pois a sentença “trajeto percorrido entre o Chile e o Brasil” reduz-se a *trajeto Chile-Brasil*. O que, no plano formal, entende-se como função adjetival, no plano semântico é, no entanto, entendido como um *frame* contextual (FILLMORE, 1982), isto é, uma cena apreendida pelo contexto de surgimento do composto neológico, o qual, por sua vez, representa alguns papéis pressupostos nele. Ora, a cena (ou *frame*) “trajeto” evoca os pontos de partida e chegada, mas pode evocar, também, os meios de transporte, os indivíduos que percorrem o trajeto etc. A unidade lexical neológica (*trajeto*) *Chile-Brasil* coloca, porém, concretamente, em foco, do *frame*, apenas os elementos “partida” (Chile) e “chegada” (Brasil). Graficamente, temos:

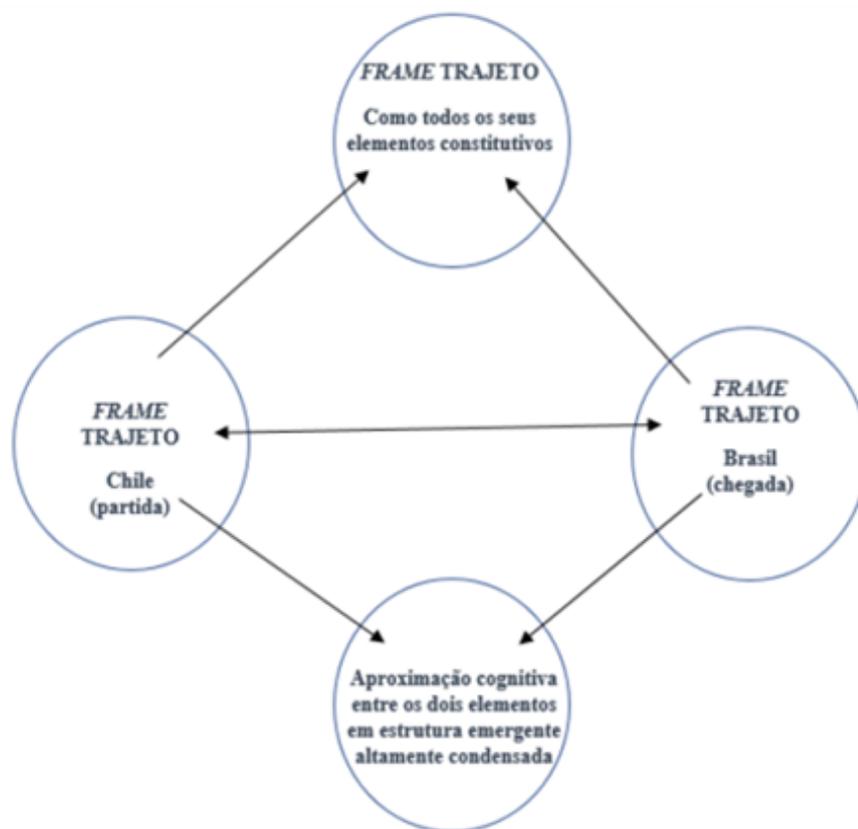


Imagem 4: modelo esquemático de elementos em relação no neologismo (trajeto) *Chile-Brasil*.

Fonte: imagem autoral

Fauconnier e Turner (2003, p. 63) aludem ao fato de a operação de mesclagem e integração conceptual interdomínios estar na raiz da criatividade humana por permitir a compressão, em uma única estrutura mental, de relações conceituais, como tempo, espaço, causa-efeito etc. Especificamente nas unidades lexicais neológicas compostas do tipo (c), essa compressão torna-se bastante evidente. Em (*trajeto*) *Chile-Brasil*, todo o tempo do percurso entre um país e outro, bem como o espaço que separa os dois países, os meios materiais e os objetivos da viagem são comprimidos, como que apagados mesmo em uma única estrutura conceptual fortemente condensada.

Os compostos determinativos, também designados por Sandmann (1989) como subordinativos, diferentemente dos coordenativos, não apresentam relação simétrica entre os elementos. Nos compostos dessa natureza, um dos elementos determina e/ou qualifica o outro, que se constitui, portanto, núcleo da unidade lexical (ALVES, 1990). A ordem habitual, no português, dos compostos determinativos é núcleo determinado seguido de elemento determinante, ou seja, o segundo membro

do composto, normalmente, atribui características ao primeiro. No caso das composições S+S determinativas, diz-se que o segundo membro, classificado morfologicamente como substantivo, desempenha, no entanto, função adjetival, razão por que, não raro, atualiza, semanticamente, conotações metafóricas.

A posposição do determinante ao determinado, aliás, é padrão, no português, não apenas na morfossintaxe da palavra, mas também da sentença, já que a posição-padrão, no sintagma nominal, do adjetivo é após o núcleo substantivo. Apesar disso, como pode haver adjetivos prepostos a substantivos em nossa língua, também é possível verificarem-se compostos determinativos de ordem determinante seguido de determinado, chamados por Sandmann neoclássicos, por imitarem a estrutura do latim, como *videoaula*, por exemplo.

Entre os compostos neológicos S+S determinativos, selecionamos para análise semântica o curioso caso de *pai-helicóptero* e as formações seriadas em que a lexia *fantasma* aparece em posição determinante, repetidamente, como exemplo de um dos subpadrões produtivos de composição S+S determinativa do português brasileiro: *X-fantasma*.

Desde que a recolhemos do *corpus*, a unidade lexical neológica composta *pai-helicóptero* causou-nos estranheza. O que seria exatamente um pai que é caracterizado como helicóptero? Sabemos que o segundo membro do composto designa um determinado objeto voador, normalmente utilizado para transportar passageiros em voos de curta e média distância. Um *pai-helicóptero* seria, pois, um piloto que transporta seus filhos diariamente para vários locais? Ou talvez, de um jeito ainda mais metafórico, um genitor que dá as condições a que seus filhos alcem voos na vida, na carreira, na sociedade?

Contrariamente a esse segundo entendimento, o contexto em que o neologismo foi empregado informa-nos que um *pai-helicóptero* é justamente o oposto do pai que permite o voo metafórico aos filhos: é controlador e tolhe a liberdade dos rebentos<sup>3</sup>. Mas, neste caso, por que a palavra *helicóptero* foi empregada para formar

---

<sup>3</sup> Para melhor compreensão da análise aqui realizada, reproduzimos em nota o contexto de uso da unidade lexical neológica *pai-helicóptero*: “<Pais-helicópteros>: a paranoia que tolhe a liberdade infantil (...) Pausa na política para falar de tendências de comportamento. As liberdades individuais, a longo prazo, dependem mais destas do que daquela, que mal ou bem vem a reboque. João Pereira Coutinho, em sua coluna de hoje na Folha, conta-nos um pouco de sua infância rebelde e arriscada, com suas típicas pitadas de humor, para chegar ao mundo moderno, em que pais controlam cada passo de seus filhos de forma doentia.” (*Constantino*, 29/07/2017).

o composto neológico? A resposta a esse questionamento não está grafada no texto. Para acessá-la, tivemos que mobilizar a estrutura de conhecimento construída culturalmente acerca de helicóptero.

Além de transportar passageiros, esses veículos aéreos também são bastante empregados em operações policiais importantes, na busca mais efetiva de criminosos. Ao sobrevoar uma área com o auxílio do helicóptero, o piloto policial adquire melhor visão de conjunto, possibilitando uma busca mais eficiente de fugitivos da lei. Ao compreender o pai, metaforicamente, como um helicóptero, é essa a imagem que nos é evocada.

A ascendência moral, etária, financeira e mesmo física (no caso de pais de crianças pequenas) sobre os filhos é, pela metáfora, o voo do helicóptero. Assim como o policial eleva-se sobre o chão para encontrar o bandido, impedindo sua fuga, o pai aproveita-se de sua ascendência para controlar os passos do filho, impedindo seu desenvolvimento físico, social, cognitivo. O policial no helicóptero cumpre um dever profissional. O pai-helicóptero acredita estar fazendo o melhor ao seu filho e também pensa cumprir seu dever paterno. A atuação do policial é necessária, a do pai, contudo, é exagerada e essa noção em especial, construída no espaço-mescla da estrutura cognitiva, é referendada pelo contexto de crítica à atuação dessa categoria de pais.

Esquemáticamente, o que se tem desse processo de construção semântica é:

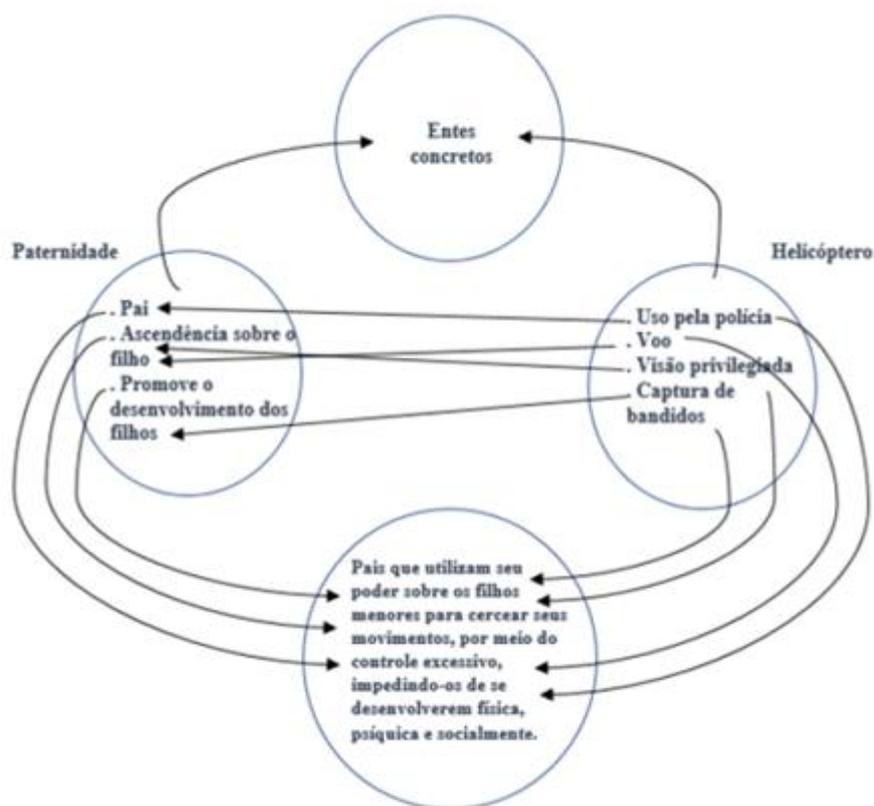


Imagem 5: esquema de integração conceitual do neologismo *pai-helicóptero*.

Fonte: imagem autoral

Doze neologismos compostos neológicos formaram-se, no *corpus*, com a lexia *fantasma* repetidamente colocada na posição determinante: *assessor-fantasma*, *biblioteca-fantasma*, *conselho-fantasma*, *corredor-fantasma*, *empregado-fantasma*, *estatal-fantasma*, *funcionário-fantasma*, *jornal-fantasma*, *laboratório-fantasma*, *locomotiva-fantasma*, *situação-fantasma* e *sócio-fantasma*.

A maioria deles é empregada em contextos de corrupção, desvio ou lavagem de dinheiro no meio político-empresarial. A única exceção é *corredor-fantasma*, cujo contexto<sup>4</sup> nos informa tratar-se de um aplicativo que auxilia atletas a medir a eficiência da corrida e melhorar o desempenho. Nesse sentido, *fantasma* atualiza significado de “virtualidade”.

A princípio, as composições *X-fantasma* poderiam evocar contextos ligados ao sobrenatural. Um assessor que é, ao mesmo tempo, um fantasma poderia assombrar

<sup>4</sup> Para melhor compreensão da análise aqui realizada, reproduzimos em nota o contexto de uso da unidade lexical neológica *corredor-fantasma*: “Você pode ter um treinador virtual ou um <corredor fantasma>, que o desafia no treinamento (a Garmin também tem isso); há aplicativo para medir a eficiência da corrida e um calculador de tempo da maratona, baseado no desempenho no treino. (Rodolfo Lucena, 14/07/2014)

alguma mansão abandonada das histórias de horror, auxiliando o chefe do local a afugentar bisbilhoteiros. Uma *biblioteca-fantasma* ou uma *locomotiva-fantasma* poderiam ser, respectivamente, uma biblioteca mal-assombrada e uma locomotiva velha que se desloca sozinha pelos trilhos, assustando a quem visse a insólita cena. Em verdade, poder-se-ia imaginar todos esses neologismos, em virtude da presença da palavra *fantasma*, em contextos de mistério e sobrenatural.

Obviamente, o que nos impede de interpretá-los dessa forma são tanto as analogias que estabelecemos com outras composições *X-fantasma* que abundam na imprensa brasileira há anos, quanto os contextos reais de uso dessas unidades lexicais, nos quais não há espaço para qualquer notação de terror sobrenatural. O horror, na vida real, é o desvio de milhões (e até bilhões) dos cofres públicos para indivíduos / empresas / empreiteiras destinadas unicamente a esse fim.

Isso evidencia que a estruturação semântica das unidades lexicais depende tanto de mecanismos internos, como as operações mentais cognitivas de projeção entre domínios, quanto de fatores externos contextuais. Por se tratar, aparentemente, de um subpadrão de composição nominal S+S estruturado no sistema da língua, a tendência parece ser a de não-variância formal, semântica e pragmática. Isso ajuda a explicar por que a esmagadora maioria dos contextos em que *X-fantasma* é empregado denominam ações, empresas ou indivíduos corruptos.

Para a construção semântica dos neologismos *X-fantasma*, a projeção de natureza metafórica entre domínios desempenhou papel primordial. Como dissemos acima, a lexia *fantasma* é, normalmente, de domínio ligado ao sobrenatural. O fantasma é um dos elementos que figuram nas histórias e lendas que se contam sobre aparições, objetos que se movem, vozes do além etc. Imageticamente, o fantasma é um ente sem forma definida (nas histórias infantis é um lençol branco flutuante). Além disso, por ser uma aparição, é possível ver através dele. O fantasma, ainda, não tem concretude, pois atravessa objetos sólidos e, inversamente, objetos sólidos podem atravessá-lo. Ora, um ser sem forma, transparente e que atravessa a matéria não pode ter, de fato, existência: ele está e não está ali ao mesmo tempo; ele tem, da realidade, apenas a aparência. É, nos termos da tecnologia computacional, uma virtualidade, um holograma que não faz parte do mundo material, concreto e real.

É, pois, justamente isso que se projeta, cognitivamente, do segundo *input* sobre o primeiro. Quaisquer noções de “milagre”, “sobrenatural”, “terror”, “morte”, “cemitério”

etc. não têm contraparte no primeiro *input*. Apenas as ideias de “virtualidade” e “inexistência” subsistem em fantasma. Metonimicamente, portanto, a propriedade “ser virtual” assume o lugar de toda a categoria *fantasma*.

Esquemáticamente, temos:

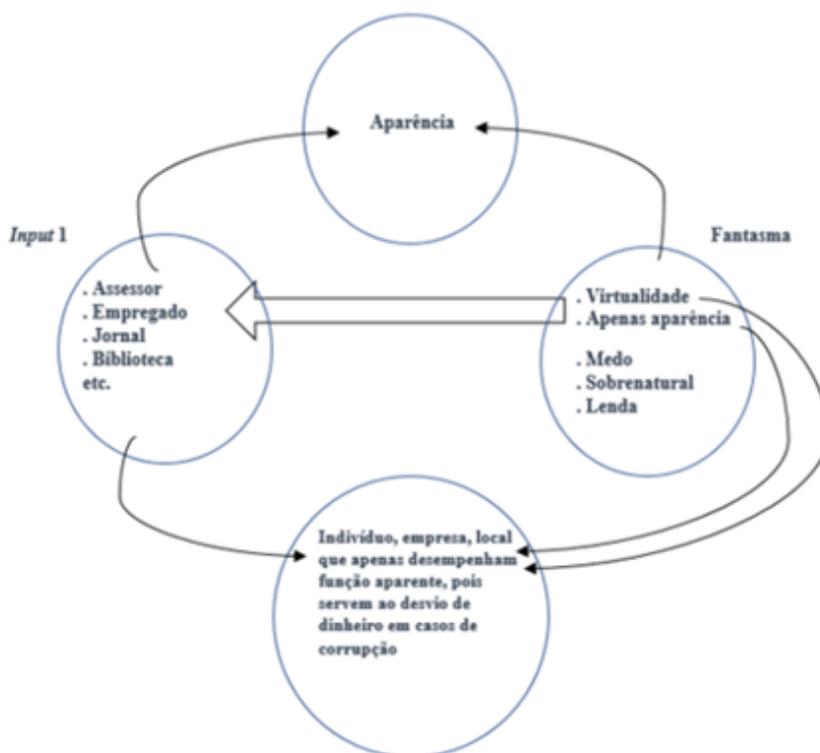


Imagem 6: modelo genérico de construção semântica de neologismos *X-fantasma*.

Fonte: imagem autoral

## Considerações Finais

Normalmente, as obras gramaticais apenas mencionam as composições nominais S+S como um dos tipos de compostos existentes no português, sem aprofundar questões de forma e significado. Com este artigo, buscamos abordar alguns aspectos que julgamos de interesse para o melhor entendimento desse importante padrão composicional, de modo a evidenciar a riqueza semântica oculta sob a aparente simplicidade formal das lexias compostas S+S.

Segundo Sandmann (1989), compostos em que dois substantivos se justapõem podem ser coordenativos ou determinativos. Para a sua construção semântica, ocorrem mesclas e associações entre elementos selecionados a partir dos domínios cognitivos evocados pelos membros dos compostos. Essa operação mental,

a que Fauconnier e Turner (2003) denominam mesclagem conceptual, está na raiz da criatividade humana, permitindo aos falantes trabalharem, de modo inovador, os significados.

Especificamente quanto aos compostos neológicos coordenativos, acreditamos ser este um excelente recurso formal para materializar, na língua, a tendência, cada vez mais crescente, de pessoas desempenharem múltiplas tarefas ao mesmo tempo. Vivemos numa era em que a rapidez e a necessidade de simultaneidade nas tarefas, com vistas à economia de tempo, ditam os avanços tecnológicos e, por que não, a criação de novas palavras compostas por coordenação.

Além disso, as composições coordenativas de tipo copulativo (RIO-TORTO; RIBEIRO, 2009), corroboram para o que Alves (1990) denomina “desejo de economia linguística” do falante, isto é, falar o máximo com o mínimo de recursos formais. De fato, ao analisarmos esse tipo de compostos, percebemos que eles condensam, em sua estrutura, noções que poderiam ser desenvolvidas em enunciados maiores. O neologismo (*trajeto*) *Chile-Brasil*, por exemplo, reduz frases mais desenvolvidas como “trajeto percorrido entre o Chile e o Brasil”. Isso, obviamente, tem um impacto grande na organização do texto e em sua progressão, tornando-o mais econômico e estilisticamente agradável.

No caso específico das composições neológicas S+S determinativas, com o segundo elemento metafórico, percebe-se que justamente a metáfora construída pelo processo de mesclagem conceptual permite o reconhecimento do mais abstrato a partir do mais concreto. Como representar, linguisticamente, de modo condensado e esquemático, a ideia de um pai controlador se não recorrendo à comparação com um helicóptero policial, que vigia e persegue delinquentes? Que outra construção lexical, que não a composição nominal S+S, poderia descrever tal riqueza semântica com tão poucos recursos formais? Não entraremos em considerações teóricas sobre a existência real ou não de sinônimos absolutos. O fato, porém, é que dificilmente outra expressão linguística alcançaria tais detalhes e a sabedoria cognitiva do falante sabe disso. Outras formas semelhantes como “pai controlador” ou “pai obsessivo” não evocam exatamente as mesmas noções.

Do mesmo modo, uma *empresa-fantasma* não é simplesmente uma não-empresa, ou uma “empresa falsa”, ou mesmo uma “pseudo-empresa”: ao evocar a imagem do fantasma, constrói-se uma composição para indicar que, além de falsa e

inexistente, a empresa em questão mantém as aparências de real; virtualmente, é uma empresa; na concretude, não. Essa noção perfila, com maior clareza, o aspecto da falsidade que se quer destacar: aparência *versus* essência. Dizer “empresa aparente”, nesse sentido, não teria a mesma força imagética de significação por ser expressão demasiadamente vaga: o que se quer dizer com empresa aparente?

Com este trabalho, não objetivamos oferecer conclusões acabadas, mas apontar caminhos analíticos para esse imenso campo, pouco explorado, das composições do português brasileiro. Por tudo o que dissemos, torna-se evidente a necessidade de mais estudos acerca desse importante processo de criação lexical. Esperamos que o que aqui apresentamos possa representar, nesse sentido, uma contribuição significativa.

## Referências

- ALVES, Ieda Maria. Neologia e composição por coordenação no português brasileiro. In: COSTA, D. S. S.; BENÇAL, D. R. (Org.) **Caminhos do léxico**. v. 1. 1ª ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2016, p. 51-66.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FAUCONNIER, Gilles. Mental Spaces. In: GEERAERTS, D. & CUYCKENS, H. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 351-375.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. Conceptual Blending, Form and Meaning. **Recherches en Communication**, n.19, p. 57-86, 2003. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/45359086\\_Conceptual\\_Blending\\_Form\\_and\\_Meaning](https://www.researchgate.net/publication/45359086_Conceptual_Blending_Form_and_Meaning)>. Acesso em: 13 março 2023.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.
- FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Org.) **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin Publishing, 1982, p. 111-137.

GANANÇA, João Henrique Lara. **Os compostos neológicos S+S no português brasileiro contemporâneo**: um estudo cognitivo do significado. Tese. (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22072021-133214/pt-br.php>>. Acesso em: 13 de março de 2023.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LANGACKER, Ronald. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso entre janeiro 2023 e março 2023.

RIO-TORTO, Graça Maria; RIBEIRO, Sílvia. Compounding in Portuguese. **Lingua e Linguaggio**, VIII (2), p. 271-281, 2009.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 48ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SANDMANN, Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scienca e Labor/Ícone, 1989.